

THIS LAND IS MINE / 1943

(*Esta Terra é Minha*)

um filme de Jean Renoir

Realização: Jean Renoir / **Argumento:** Jean Renoir e Dudley Nichols / **Director de Fotografia:** Frank Redman / **Direcção Artística:** Albert S. D'Agostino e Walter E. Keller / **Cenários:** Eugene Lourié, Darrell Silvera, Al Fields, Walter F. Keller, Albert d'Agostino / **Guarda-roupa:** Renie / **Música:** Lotar Perl; direcção musical de Constantin Bakaleinikoff / **Montagem:** Frederic Knudtson / **Som:** James G. Stewart, John E. Tribby / **Interpretação:** Charles Laughton (Albert Lory), Maureen O'Hara (Louise Martin), George Sanders (George Lambert), Walter Slezak (o comandante alemão), Kent Smith (Paul Martin), Una O'Connor (a mãe de Albert Lory), Philip Merivale (Professor Sorel), Thurston Hall (Henri Manville, o Presidente da Câmara), George Colouris (o Procurador), Nancy Gates (Julie Grant).

Produção: R.K.O. / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, preto e branco, legendada em português, 105 minutos / **Estreia Mundial:** Nova Iorque (cinema Rivoli), 27 de Maio de 1943 / **Estreia em Portugal:** Lisboa (cinema Politeama), 24 de Junho de 1954.

A sessão tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo.

This Land is Mine apresenta muitas similaridades com **Hangmen Also Die**, de Fritz Lang, que também vimos neste Ciclo. Para começar, são contemporâneos, ambos tendo sido estreados no ano de 1943. Depois, quer nas intenções subjacentes quer na proposta narrativa (são diversos os pontos de contacto entre os argumentos de ambos os filmes) essas similaridades acentuam-se. São ambos filmes de realizadores a quem a guerra obrigou ao exílio, ambos os filmes se destinam essencialmente à população americana numa tentativa de sensibilização. Se algo os diferencia fundamentalmente, é que enquanto o filme de Lang é um filme de "raiva" (recorde-se o fabuloso plano em que o colaboracionista Gene Lockhart morria antes de conseguir chegar à igreja, e como Lang lhe negava qualquer hipótese de "redenção") o de Renoir é sobretudo um filme de "compreensão", pondo em evidência a celeberrima frase da **Règle du Jeu** sobre as razões que todos têm. **This Land is Mine**, de certa forma, é um filme sobre as razões que uns têm para colaborar com os invasores nazis e sobre as que outros têm para lhes resistir.

A intenção "pedagógica" de Renoir demonstra-se logo à partida, escolhendo uma *mise-en-scène* de um classicismo irrepreensível, com uma clareza estilística que nunca procurara nos seus filmes franceses até então realizados, nem adoptara nos outros filmes americanos. Esse desejo de clareza formal vem apenas sublinhar e confirmar um outro desejo de clareza, este ao nível do discurso. Depois das inúmeras críticas e acusações que choveram sobre Renoir vindas do seu próprio país, o realizador afirmaria: "*Por uma vez lamentei sinceramente não ter sido compreendido*".

Por que motivo desejava tanto Renoir ser compreendido e por que motivo essa era uma tarefa tão previsivelmente difícil? Voltemos a dar a palavra a Renoir: "*com este filme queria dar aos americanos uma imagem um pouco menos convencional da França ocupada... Talvez tenha sido desajeitado, talvez não tenha compreendido o estado de espírito que reinava em França antes da Libertação*". Se compreendeu ou não o tal estado de espírito, não discutiremos, mas é indubitável que se há coisa que Renoir não foi em **This Land is Mine** foi desajeitado. "Dar uma imagem" da França ocupada, em 1943, é falar e encarar de frente o problema do colaboracionismo, e se hoje em dia esse assunto é ainda escaldante imagine-se o quanto não seria em 1943...

Repare-se na galeria de personagens composta por Renoir e Dudley Nichols e na maneira como cada uma delas epitomiza uma atitude diferente perante a ocupação nazi e perante os invasores. Por um lado temos Manville, o Presidente da Câmara, que pactua com os alemães "*para evitar que o povo sofra*" mas que, no fundo, está interessado sobretudo no poder que tal pacto lhe confere. Em posição aparentemente semelhante mas substancialmente diferente está George Lambert (George Sanders), disposto a colaborar (ou, pelo menos, a não levantar problemas) porque sinceramente acredita ser essa a melhor solução para evitar problemas para aqueles que ama. Em posição contrária encontram-se os irmãos Martin (Kent Smith e Maureen O'Hara) e o professor Sorrell, recusando-se a pactuar e acreditando que a luta deve continuar, de uma maneira ou de outra (o professor redige panfletos subversivos e Kent Smith acredita na violência), independentemente de armistícios ou não.

Fugindo, num primeiro tempo, a uma fácil categorização estão duas das mais espantosas personagens que Renoir alguma vez criou: Albert Lory (Charles Laughton, sem dúvida escolhido pela semelhança física que aparenta com Jean Renoir - é ele, afinal, que se vem a revelar como o "porta-voz" do realizador) e a sua mãe (Una O'Connor). Lory é um tímido professor de liceu, solitário e auto-denominadamente "covarde". A mãe vive apenas para o filho, e é pelo filho e para o filho que rege o seu comportamento, personificando o instinto maternal em estrita independência da realidade exterior.

"*These guys are alright, they're just doing their job*", diz-se no princípio do filme a propósito de uma patrulha de soldados alemães, proclamando desde o início a recusa de qualquer maniqueísmo. Ao mesmo tempo a frase chama a atenção para os diálogos e para a verbalidade (no fundo, para a comunicação e a livre expressão, precisamente o domínio que os alemães mais necessidade têm de controlar para preservar o *status quo* que impuseram), numa antecipação da sequência final, o alucinante discurso de Laughton na barra do tribunal, onde todas as diferentes posições das várias personagens serão lucidamente dissecadas.

Essas posições começam a definir-se quando Kent Smith provoca a morte de dois soldados alemães. Como represália, os nazis fazem uma série de reféns que se dispõem a matar caso o assassino não se entregue (aqui, mais uma vez, estamos muito próximos de **Hangmen Also Die**). Então definem-se aqueles que acham, como Sanders, que o assassino se devia entregar para evitar a morte de pessoas inocentes, e os outros, como Maureen O'Hara, ou como o próprio Professor Sorrell (um dos reféns) que acham que não porque, afinal de contas, a guerra continua e aquela é uma situação de guerra. Os acontecimentos precipitam-se porque a estas duas atitudes se junta uma outra, porventura mais pragmática: a da mãe de Laughton, que só realmente toma posição quando as circunstâncias lhe tocam a ela. No caso, a tomada do seu filho como refém. É então que ela revela a Sanders a identidade do autor do atentado, provocando a morte de Kent Smith, que terá ainda como consequência o suicídio de Sanders e a responsabilização de Laughton pela sua morte, tomada como assassinio. No tribunal fará Laughton o seu espantoso discurso sobre aqueles que são "*weak inside but strong outside*", como Sanders, que se suicidou por ter a força exterior para o fazer depois de se aperceber da sua fraqueza interior, e aqueles que como ele, Laughton, são "*strong inside but weak outside*" e cuja covardia os impede de agir perante as injustiças que sentem no coração. Se Laughton "redime" Sanders não poupa Manville, o *maire*, que pactua apenas por interesse. No fundo, compreende todos e as razões de todos, mesmo que não lhes perdoe. E sabendo-se condenado, precisamente por falar em vez de calar, por se revelar pela primeira vez *strong outside*, faz ainda a apologia da resistência activa: "*sabotage is the only weapon for the defeated people*". Renoir não podia ser mais claro, e **This Land is Mine** é também um grito de guerra.

Luís Miguel Oliveira